

Fernando Pessoa e Cesare Lombroso: literatura e psiquiatria

Cláudia Souza *

Resumo

Neste artigo analisaremos as leituras realizadas por Fernando Pessoa sobre a psiquiatria, especialmente os livros de Cesare Lombroso, e a utilização destas leituras na criação literária pessoana. Na primeira década do século XX, Pessoa e seus outros eus (com destaque para Charles Robert Anon e Alexander Search) tinham especial interesse nas ciências do psiquismo humano. Este fato pode ser constatado nos diários e notas de leituras presentes no espólio pessoano. Neste artigo iremos explorar as relações entre a literatura e a psiquiatria a partir dos textos deixados pelo autor português.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Lombroso. Psiquiatria. Literatura.

Neste artigo pretendemos evidenciar a relação entre a psiquiatria, sobretudo lombrosiana, e a criação literária pessoana. Para realizar essa análise trabalhamos com o material do espólio de Fernando Pessoa,¹ presente hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa.² Os mais de vinte e sete mil documentos da arca pessoana constituem uma importante fonte de conhecimento sobre a criação literária do autor português porque revelam, entre outros aspectos, as numerosas leituras realizadas por Pessoa em diferentes áreas do conhecimento,

1 Utilizaremos a seguinte chave de símbolos nas transcrições dos documentos pessoanos:

XXXXX - Sublinhado

~~XXXXX~~ - Riscado

^xxxxxxx - palavra ou segmento sobreposto

¡xxxxxxx - palavra ou segmento subposto

←xxxxxxx - palavra ou segmento inserido à margem esquerda

→xxxxxxx - palavra ou segmento inserido à margem direita

/xxxxxxx / xxxxxx\ - variante(s)

* - palavra ilegível

[XXXXX] - leitura dubitada

□ espaço em branco

2 Os documentos do espólio utilizados neste artigo pertencem à Biblioteca Nacional de Lisboa e serão designados pela sigla BNP/E3 (Biblioteca Nacional de Portugal/Espólio 3). Deixamos aqui registrado o nosso agradecimento pela permissão concedida para utilização deste material.

* Instituto de Estudos sobre o Modernismo – Universidade Nova de Lisboa.

algumas delas, na época, ainda em formação.

Na maioria das publicações pessoais o leitor tem uma imagem de um poeta e prosador tranquilamente inspirado. No entanto, em seu espólio percebe-se, diante de tantos exercícios de escrita, que a criação pessoal é oriunda de muita reflexão, de muitas anotações, de infinitas leituras realizadas, de muita experiência com a linguagem, de um permanente “desassossego” diante da palavra e do conhecimento.

Para que se possa entender a relação de Pessoa com as leituras sobre as ciências do psiquismo humano, é preciso recuar um pouco no tempo e traçar o caminho deste pensador português até a África do Sul, onde ele viveu nove anos da sua vida.

Em 1896, com sete anos de idade, Fernando Pessoa deixou Lisboa em companhia de seus familiares: mudaram-se para Durban, onde seu padrasto, João Miguel Rosa era cônsul português na então colônia inglesa de Natal. Essa mudança foi de fundamental importância na vida e na obra de Fernando Pessoa. O português deixa de ser sua língua principal: a partir desta alteração geográfica Pessoa passa a ler, a escrever e a pensar em inglês. E mesmo após o seu retorno à cidade de Lisboa, em 1905, onde vai permanecer até o ano de sua morte, a língua inglesa vai marcar várias instâncias de sua vida: a sua biblioteca particular, os muitos poemas escritos em inglês, a vasta correspondência trocada com editores ingleses, algumas personalidades literárias, criadas pelo Poeta, que escreviam em inglês, como Charles Robert Anon e Alexander Search.

Em Durban, na África do Sul, Pessoa frequenta, a partir de Abril de 1899, a Durban High School, cujo nível era reconhecido como excelente. Além de inglês e francês, Pessoa também aprendeu latim. Aluno com ótimas notas, no final do seu primeiro ano na Durban High School, recebeu o prêmio de General Excellence Quando regressou definitivamente a Lisboa, continuou a escrever em inglês a maior parte dos seus textos.

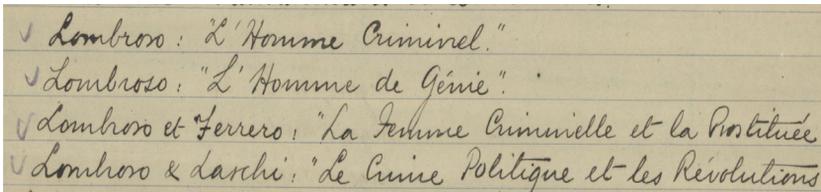
O regresso de Pessoa à sua pátria representou sua imersão na língua portuguesa no seu aspecto mais profundo e complexo. A partir deste momento Pessoa não só vai aprender a pensar e escrever em português, como vai mergulhar em seu tempo, fazendo-se cidadão da sua verdadeira pátria: a língua portuguesa.

Quando o poeta português retornou definitivamente de Durban passava grande parte do seu tempo na Biblioteca Nacional de Portugal imerso em leituras filosófica e sobre o funcionamento do psiquismo humano (as muitas

anotações presentes no espólio e nos cadernos, sobretudo nos de Charles Robert Anon e de Alexander Search – personalidades pessoanas que escreviam em inglês – confirmam este fato).

Charles Robert Anon, pré-heterônimo pessoano, foi autor de muitos poemas e dono de um importante caderno datado de 1906, onde estão presentes valiosos testemunhos – como é o caso de uma extensa lista de leitura intitulada Books on Science and Philosophy (BNP/E3-13A-3^r) onde lemos, na quarta página, a referência a quatro livros de Lombroso:

Lombroso: **L’Homme criminel.**
Lombroso: **L’Homme de génie.**
Lombroso et Ferrero: **La femme criminelle et la prostituée.**
Lombroso & Laschi : **Le crime politique et les révolutions.**



Sendo o caderno de 1906, esse fato confirma que o primeiro contato de Fernando Pessoa com as teorias sobre o funcionamento do psiquismo humano foi realizado na primeira década do século XX, quando, recém-chegado da África do Sul, mergulhou em muitas leituras desta ordem na Biblioteca Nacional de Portugal. Além do nome de Lombroso nesta lista específica, outros importantes autores fazem parte deste documento: Darwin, Ernest Haeckel, Féré, Nordau, Leibnitz, Kant, Spinoza, Aristóteles, Hegel, Descartes.

Numa parte específica deste caderno, Anon faz anotações em forma de diário, o que nos permite aceder a informações de extrema relevância. No documento datado de 11 de Maio de 1906 (BNP/E3-13A-51^v), Anon anota a leitura de diversos livros, entre eles, **O homem criminoso** de autoria de Lombroso. Anon deixa registrado em seu diário que iniciou os primeiros capítulos deste livro. Esse documento revela como é complexa a criação pessoana: trata-se de um testemunho de uma personagem fictícia, Charles Robert Anon, que atesta a leitura de um livro de psiquiatria, que servirá mais tarde de matéria-prima para a confecção de alguns projetos, (como é o caso do projeto História de uma Ditadura, do qual trataremos um pouco adiante). Parece que no universo literário pessoano quase tudo se transforma em projeto. Seguindo o ritmo dos escritos pessoanos, muitos escritos de Charles Robert

Anon se transformaram em escritos de outra personalidade literária, outro pré-heterônimo, Alexander Search.

Search tem uma ficha biográfica presente no espólio (BNP/E3-48C-2^o). Segundo esse documento, Alexander Search teria nascido em Lisboa no mesmo dia e ano que o seu criador, 13 de Junho de 1888. Esse testemunho faz parte de um pequeno caderno intitulado *Transformation Book or Book of Task*, que possui uma divisão de tarefas entre algumas personalidades literárias pessoais (Alexander Search, Pantaleão, Jean Seul e Charles James Search). Search seria responsável pelos seguintes projetos: 1) O Regicídio português e a situação política em Portugal, *The portuguese regicide and the political situation in Portugal*, 2) A Filosofia do racionalismo, *The Philosophy of rationalism*, 3) A perturbação mental de Jesus, *The mental disorder of Jesus*, 4) Delírio, *Delirium*, 5) Agonia, *Agony*. Esse documento mostra o envolvimento de Search nas questões políticas de sua época. Seu primeiro projeto (neste testemunho) seria justamente escrever sobre o regicídio português. Search possuiu uma grande importância nas atividades pessoais, principalmente neste período pós-Durban: foi leitor e comentador de muitos livros lidos nesta primeira década do século XX. O nome de Search aparece em outro importante documento presente no espólio, também elaborado por um psiquiatra, o relatório do médico Arthur Leitão escrito em 1907 intitulado *Um Caso de Loucura Epiléptica*. A participação de Search nas leituras sobre o psiquismo humano e, neste caso, sobre o psiquismo de João Franco é relevante porque mostra como Pessoa se relacionava com a ciência. Revela o gesto do artista por detrás da curiosidade científica. O relatório do médico Arthur Leitão, assinado por Search, é um texto de carácter médico/político sobre a possível epilepsia do ditador João Franco. Neste relatório médico, o Dr. Artur Leitão faz o seguinte diagnóstico de João Franco:³

Pelo que temos exposto sobre estes caracteres, e principalmente pela impulsividade, que o observado manifesta na pratica de actos, publicamente considerados como crimes ou como manifestações de loucura, somos levados á conclusão indiscutível de que se trata dum doente atacado de epilepsia psíquica. (BNP/E3-108C-26).

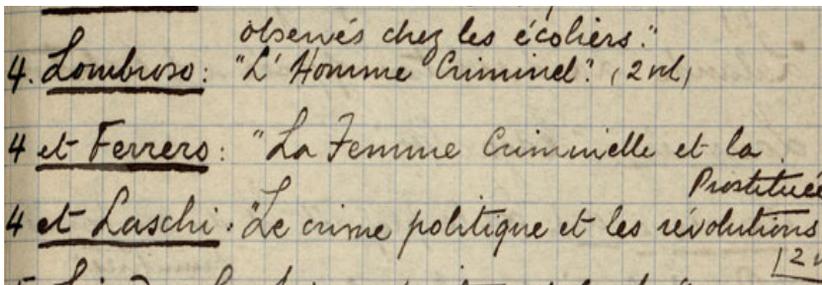
Antes de chegar a esse diagnóstico, Dr. Artur Leitão realiza uma análise da hereditariedade de João Franco, considerando o pai “um degenerado inferior com tendências criminosas” e a mãe “histérica e desequilibrada”. (BNP/E3-

3 Ditador que governou Portugal de maio de 1907 a fevereiro de 1908.

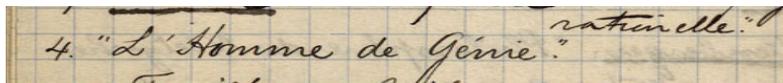
108C). E essa análise foi possivelmente utilizada por Pessoa na elaboração dos textos sobre João Franco, como também na elaboração de um romance inacabado chamado Marcos Alves. As leituras desse relatório médico e dos livros do médico Cesare Lombroso foram utilizadas por Pessoa em seu projeto História de uma Ditadura. Esse fato é extremamente relevante, pois desconstrói o mito do Poeta solitário voltado para dentro de si e dos seus múltiplos eus. Pessoa nunca deixou de dialogar com os acontecimentos políticos, sociais e culturas de sua época, foi um crítico extremamente refinado. Os inúmeros testemunhos que fazem parte do projeto História de uma Ditadura, entre outros projetos políticos, confirmam esse fato. Esse projeto aparece em uma lista de notas, onde está escrito “trabalho a realizar”, de Junho de 1909, ao lado de outros projetos de carácter político. As referências ao trabalho de Cesare Lombroso e ao relatório realizado por Arthur Leitão aparecem em muitos fragmentos pertencentes ao projeto História de uma ditadura. Esse projeto possivelmente encontra-se circunscrito no final da primeira década do século XX.

É interessante perceber que, de alguma forma, Alexander Search estava envolvido com as leituras pessoanas: este não é o único livro assinado por Search. Demos ênfase ao relatório do médico Arthur Leitão porque, como já foi explicado, esse relato será de grande utilidade nos escritos ligados a esse período pós-Durban. Search também foi leitor de Lombroso. Esse fato pode ser atestado em outro documento, no caderno assinado por Alexander Search, datado de Setembro de 1906 (BNP/E3, 144H – 20^r - 20^v), onde lemos:

- 4. Lombroso: **L'Homme criminel**. (2 vol.).
- 4. [Lombroso] et Ferrero: **La femme criminelle et la prostituée**.
- 4. [Lombroso] et Laschi : **Le crime politique et les révolutions** (2 vol.).

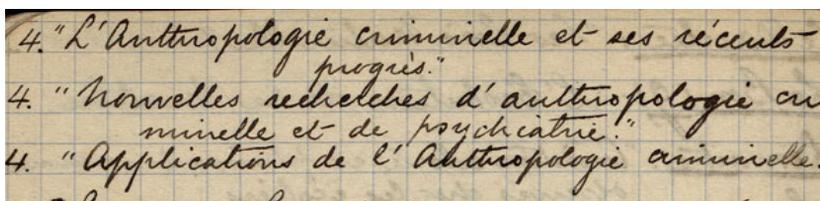


4. L'Homme de génie.



A estas referências Pessoa acrescenta, no caderno de Search os seguintes títulos de Lombroso:

- 4. L'Anthropologie criminelle et ses récents progrès.
- 4. Nouvelles recherches d'anthropologie criminelle et de psychiatrie.
- 4. Applications de l'anthropologie criminelle.



Faz-se necessário confrontar as listas citadas onde aparecem referências aos livros de Lombroso, pois na primeira lista apresentada, presente no caderno de Charles Robert Anon – também datado de 1906 – não consta **O homem de génio**. Provavelmente porque em Setembro de 1906 Pessoa ainda não o havia lido.

Search utilizaria suas leituras sobre o funcionamento do psiquismo humano em outro projeto, Essay on Impulse. Neste ensaio, esse pré-heterônimo pessoano abordaria a questão do impulso estruturando seu pensamento a partir de uma classificação do carácter, utilizando também noções da grafologia. Essa personalidade literária pessoana também fez notas de leitura: o nome de Search aparece em notas sobre o livro de Haeckel, **Les énigmes de l'Univers** e também numa nota de leitura sobre o livro de Max Nordau, **Dégénérescence**.

Para além de todos os documentos citados em que constam o nome de Alexander Search um outro merece especial destaque. Trata-se de documento de extrema relevância porque em sua última linha está escrito: “C.R.Anon/id est Alexander Search”. (LOPES, 1990, vol II, p.188). Essa evidência revela que Pessoa faria de Alexander Search o herdeiro de Charles Robert Anon.

Os documentos do espólio demonstram que o pensamento de Lombroso

iria se transformar em matéria plástica na criação pessoana. No testemunho abaixo existe o esboço de um possível livro pessoano sobre Crime [and] the criminal (BNP/E3-15B⁴-28^r):

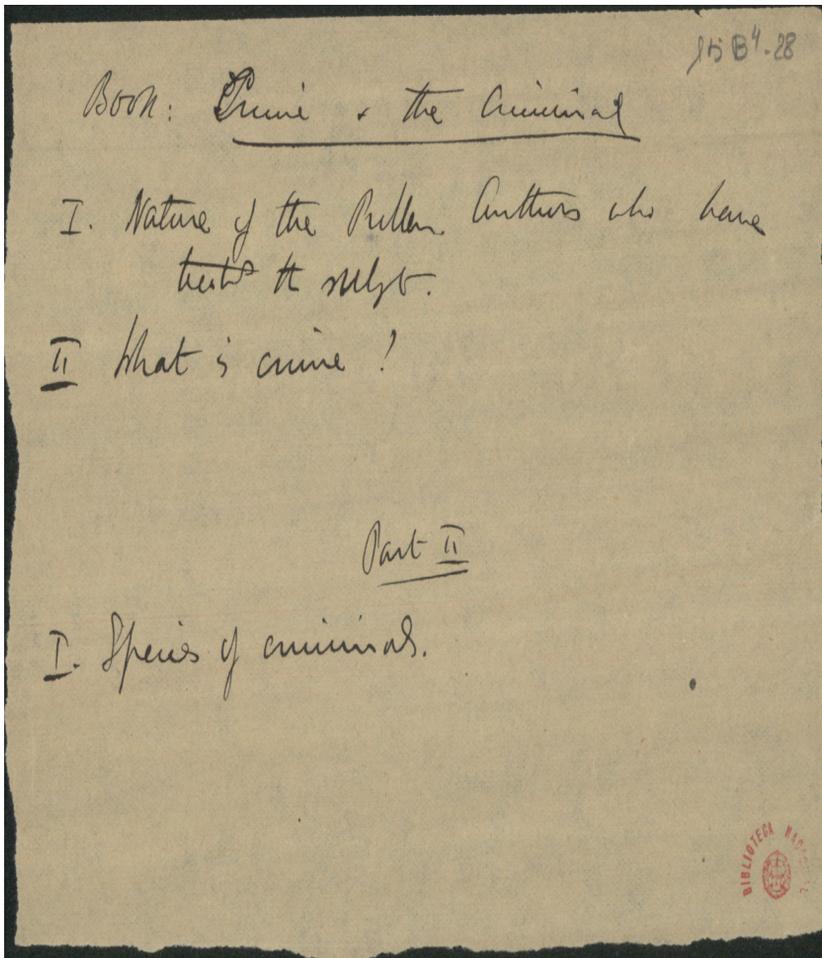
Book: Crime [and] the criminal

I – Nature of the Problem. Authors who have treated the subject.

II – What is crime?

Part II

I – Species of criminals.



O livro de Lombroso, **O homem criminoso**, presente nas listas de leitura de Charles Robert Anon e de Alexander Search, documentos anteriormente evidenciados, constituiu, provavelmente, uma das principais fontes de inspiração deste projeto. Neste possível livro pessoano, o pensamento desenvolvido por Lombroso estaria incluído na primeira parte. Outro ponto relevante relacionado com o documento é a necessidade pessoal de criar, de escrever, de transmutar suas leituras em projetos, em texto, evidenciada sobretudo nos muitos planos presentes no espólio, como é o caso de História de uma ditadura, projeto elaborado a partir das leituras sobre as ciências do psiquismo humano.

O nome de Lombroso aparece também em um outro projeto, *History of a Dictatorship*,⁴ de caráter político: trata-se de escritos sobre a ditadura e também sobre a figura de João Franco. A teoria lombrosiana aparece com frequência, como podemos constatar no seguinte fragmento:⁵

Again no proper comparison can be made between F[ranc]o and these criminals, ∴ [because] the species of crime is different. What we can do, however, is to inquire if there be not in the characters of them a fundamental analogy.

‘M. Morel trouve en eux (fous moraux) une attitude intellectuelle speciale, caracterisée par la facilité à écrire, à parler, à cultiver les beaux-arts, mais dominée souvent par la tendance au paradoxe.’ (Quoted by Lombroso, p.561)

‘M. Krafft-Ebbing...ajoute qu’ils (f[ous] m[oraux]) finissent par croire à la réalité des faits inventés par eux-mêmes, et qu’ils s’attribuent de bonne foi ce qui appartient aux autres.’ (Quoted by L[ombroso], p. 561)

[17^v] Character of the born-criminal:

Absence of sensibility.
Irritability.
enormous vanity and pride.
Vanity of crime.
Cruelty. Revenge.
Absence of moral sense.
Superficial idea of justice.
Laziness.

4 No documento [BNP/E3-92T-52^r] já comentado aqui, aparece uma listagem da *Dictatorship* dividida em três períodos: 1890, 1894-6 e 1907-1908. O último período se refere à ditadura de João Franco em Portugal.

5 [BNP//E3-113I-17 e 18]

Lightness of mind.

Lack of foresight (leading to swallowing ships in plans). In F[anc]o – cf. cap. ‘Advances’.

Lombroso says (p. 353): “Au lieu des affections de famille et des affections sociales qui, chez les criminels, sont complètement éteintes ou se présentent à l'état d'équilibre instable, on voit dominer d'autres passions peu nombreuses, mais extrêmement ténaces. Et, d'abord, entre toutes, l'orgueil, ou, pour mieux dire, un sentiment excessif de leur [18'] valeur personnel...” and further on ‘Satisfaire sa vanité, briller dans le monde, ce qu'on appelle si mal *figurer*, voilà la cause la plus commune des crimes modernes.’

But L[ombroso] when speaks of ‘instability’ of character refers to noble actions of criminals never to age. F[ranc]o incapable of any noble action.”⁶

6 Uma possível tradução para o documento realizada por Alexandre Souza: “Da mesma forma, nenhuma comparação correta pode ser feita entre F[ranc]o e estes criminosos, já que o tipo de crime é diferente. O que podemos, no entanto, perguntar [investigar] é se há em seus caracteres uma analogia fundamental. ‘M. Morel encontra neles (loucos morais) uma atitude intelectual especial, caracterizada pela facilidade para escrever, para cultivar as belas artes, porém muitas vezes dominada pela tendência ao paradoxo?’ (Citado por Lombroso, p. 561)

‘M. Krafft-Ebing ... acrescenta que eles (loucos morais) acabam por acreditar na realidade dos fatos por eles mesmos inventados e que atribuem a si, de boa fé, o que pertence aos outros.

[17'] Caráter do criminoso nato:

Ausência (falta) de sensibilidade

Irritabilidade

Vaidade e orgulho enormes

Vaidade pelo crime (cometido?)

Crueldade. Vingança

Ausência de senso moral

Idéia de justiça superficial

Preguiça

Mente vazia

Sem capacidade de previsão (levando a engolir barcos em ! Em F[ranc]o – cf. cap. “Avanços”

Lombroso diz (p.353): “Em vez das ligações de família e sociais que nos criminosos são completamente inexistentes ou se apresentam em estado de equilíbrio instável, vemos dominar outras paixões pouco numerosas mas extremamente tenazes. E, primeiramente, o orgulho, ou, para melhor dizer, um sentimento excessivo de seu [18'] valor pessoal...” e, mais adiante “Satisfazer sua vaidade, brilhar no mundo, o que chamamos tão mal de aparecer, eis a causa mais comum dos crimes modernos”

Mas L[ombroso], quando fala da ‘instabilidade’ de caráter se refere a ações nobres de criminosos F[ranc]o incapaz de qualquer ação nobre.”

Chap. III

Q. V. - p. 350.

and p. 393 - (Moral Sense).

= Again no proper comparison can be made between \mathcal{F} and these criminals, \therefore the species of crime is different, ~~although~~ what we can do, however, is to inquire if there be not in the elements of the \mathcal{F} fundamental analogs.

"M. Pascal trouve en eux [les hommes] une aptitude intellectuelle spéciale, caractérisée par la faculté à crime, à parler à cultiver les beaux-arts, mais l'innée survient par la tendance au paradoxe." (Quelques Lignes, p. 581)

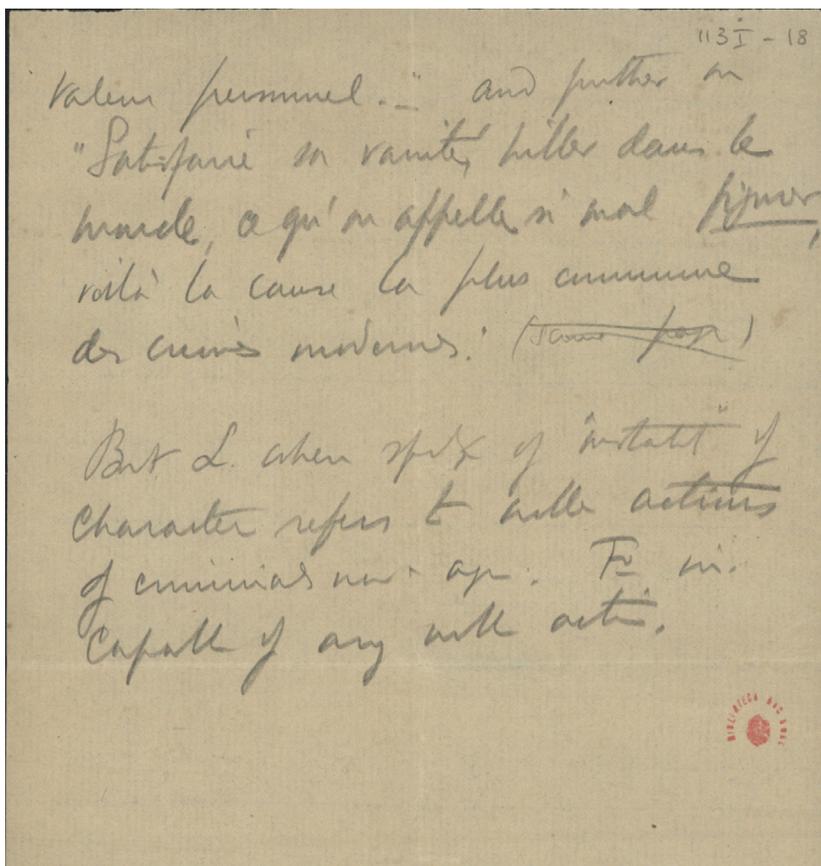
M. Krafft-Ebing --- ajoute qu'ils [les hommes] finissent par crime à ~~cause~~ la réalité des faits inventés par eux-mêmes, et qu'ils s'attachent de bonne foi ce qui appartient aux autres." (Quelques Lignes, p. 581)



Character of the born-criminal:

Absence of sensibility.
 Imitability.
 enormous vanity and pride.
 Want of crime.
 Cruelty. Reverse.
 Absence of moral awe.
 Inflexible idea of justice.
 Laziness.
 Lightness of mind.
to lack of foresight. (best. & malts
 slips & plans).

In P. of Cr. Advances
 Lombroso says (p. 353):
 "Au lieu de affectus de famille et de
 affectus sociaux qui, chez les crimi-
 nels, sont complètement éteints
 on ne présente à l'état d'é-
 quilibre instable on voit dominer
 d'autres passions peu nombreuses, mais
 extrêmement tenaces. Et, d'abord, entre
 tous, l'orgueil, on peut même dire
 un sentiment excessif de lui-même"



Esse extenso fragmento demonstra o interesse que Pessoa tinha pelo funcionamento do psiquismo humano. Pode-se associar esse aspecto às suas preocupações pessoais com a questão da loucura. Mas, o que chama de fato a atenção do pesquisador é a relação entre Pessoa e as ciências emergentes no seu tempo. As suas leituras sobre o funcionamento da psique humana servem para criticar a ditadura de sua época. Não se trata de uma crítica superficial, Pessoa pesquisa a fundo o funcionamento do psiquismo humano para elaborar críticas reflexivas, profundas e irônicas sobre o momento político no qual Portugal estava imerso. Neste fragmento, Pessoa parece buscar uma fundamentação psiquiátrica para o comportamento “criminoso” do ditador João Franco: recorre aos escritos de três grandes médicos: Morel, Krafft-Ebbing e Lombroso, para entender e explicar o funcionamento do psiquismo de Franco e termina seu escrito afirmando que este seria incapaz de qualquer ato nobre, o que evidencia o envolvimento pessoano com a política de sua época.

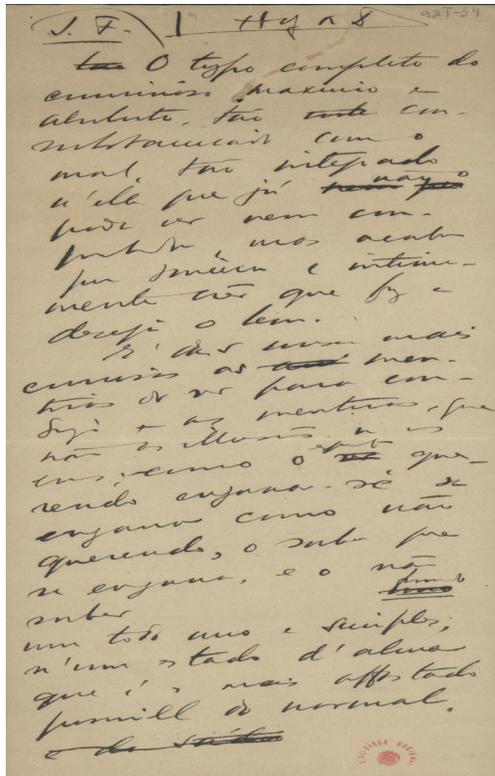
Em um outro testemunho, escrito em português, Pessoa utiliza suas leituras psiquiátricas para analisar o ditador João Franco:

“H[istory] of a D[ictatorship]

J[oa]o F[ranc]o]

ta O typo completo do criminoso maximo e absoluto, tão inte-
consubiandado com o mal, tão integrado n’elle que já ~~nem po~~
[↑ não o] pode ver nem comprehender, mas acaba por sincera e
intimamente crêr que faz e deseja o bem.

É das cousas mais criminosas as aër mentiras do ser para
consigo e as mentiras, que são as illusões ou os bens; como o ser
[↑ espirito] querendo enganar-se se engana como não querendo,
o saber que se engana, e o □ não saber como [↑ formando] um
todo uno e simples; n’um estado d’alma que é o mais affastado
possivel do normal. e de saída”. (BNP/E3-92T-54’).



Como esse fragmento está escrito em português, podemos deduzir que é posterior aos primeiros fragmentos escritos em inglês sobre o ditador João Franco. O conteúdo deste testemunho revela a análise que Pessoa pretendia fazer de Franco, utilizando as leituras psiquiátricas: aproxima o ditador do

criminoso, imputando a esse uma mente doentia e degenerada. As afirmações presentes neste testemunho se comunicam com o documento anteriormente transcrito, no qual Pessoa afirma que Franco era incapaz de um ato nobre. Se, em um primeiro momento, Pessoa analisa em qual tipo de criminoso o ditador poderia ser encaixado, recorrendo às teorias de Morel, Krafft-Ebbing e Lombroso, num segundo momento Franco já é considerado um criminoso máximo e absoluto. Isso revela a posição política de Fernando Pessoa neste período (1905-1914): anti-ditatorial e pró-republicano. É importante sublinhar esse aspecto porque muitos estudiosos ressaltam a existência de um Pessoa monárquico, devido aos muitos escritos sobre o sebastianismo deixados pelo autor português. A concepção sebastianista de Fernando Pessoa situa-se em um plano mítico e simbólico, e os escritos republicanos e anti-ditatoriais apontam para um homem mergulhado em sua época, preocupado com o destino e com a história de sua nação. Retornando ao documento citado, esse fragmento provavelmente pertenceria a um livro projetado por Pessoa sobre a História de uma Ditadura.

Pessoa não só estabelece ligações entre política e psicologia, como também entre psiquiatria e literatura, como podemos averiguar no seguinte testemunho:

As relações da psiquiatria com a literatura não tem sido felizes. ~~Fêm andado em volta a dois problem~~ Fôra o livro de Nisbet sobre a **Loucura do Genio** [Quote title in note], ~~as obras o trabalho~~ psiquiatrico tem sido [↑fortemente] eivado ~~de fortes laivos~~ de superstição científica e de indisciplina intellectual. Algumas obras, como a de Nordau e a de Lombroso, pertencem ao charlatanismo científico. As innumeradas outras, que se tem escripto – monographias □ – no género, como o **Poetas e Pintores de Rilhafolles** do sr. Julio Dantas, nem chegaram a constituir charlatanismo.

A obra literaria e artistica pode legitimamente, com effeito, ser objecto de analyse psiquiatrica. *O que é preciso é nunca elevar a analyse psiquiatrica a criterio estheticico.* Perante a obra literaria, o psiquiatra nunca deve esquecer que é só psiquiatra, e não critico literario. Antigamente atacava-se tal obra de arte porque era immoral e o ataque ~~ineidia~~ fallava da obra como se assim a ferisse estheticamente. Por uma confusão mental o criterio moral ~~erigiase~~ [↑era] erigido em criterio estheticico abusivamente.

[47*] Os psiquiatras modernos – por uma questão de indisciplina mental – cahiram no mesmo erro. Elevaram o criterio psiquiatrico a criterio estheticico. Tendo descoberto que tal autor era doido, chamaram a sua obra má; quando a única

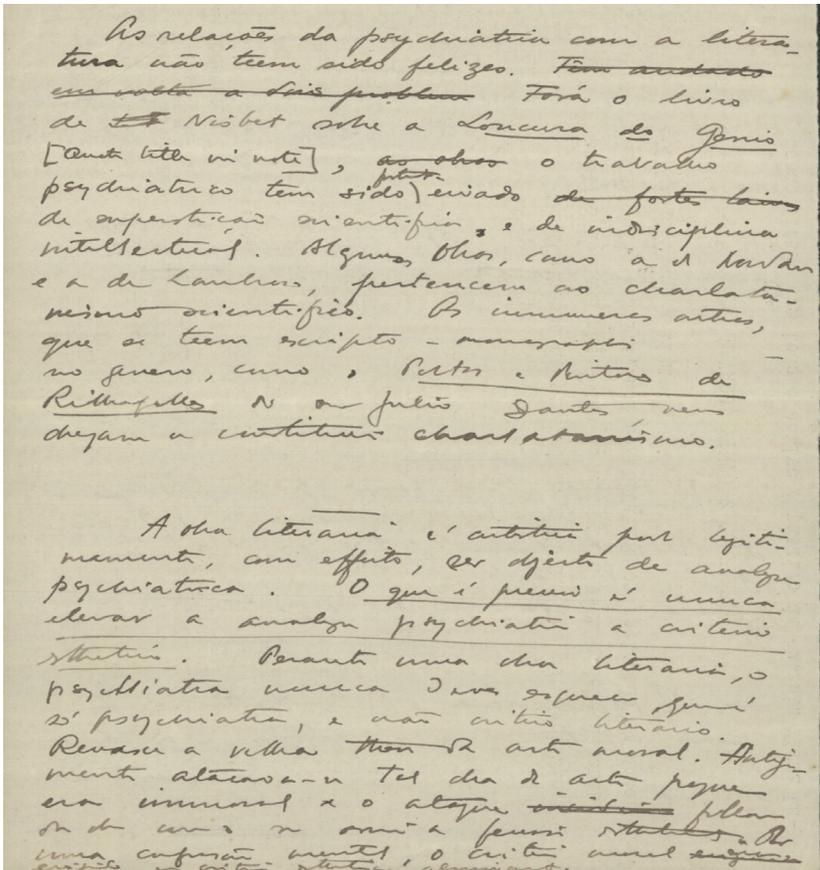
afirmação científica que poderiam fazer era que esse autor era doido, e mais nada.

Lembra um pouco a resposta de Pope áquelle lexicographo inglez que exprime, n'um processo, com testemunhas da parte contraria. Tratava-se de □

(Johnson's Lives of the Poets⁷, □)

~~A~~ Um louco pode produzir obra disciplinada e coerente. O caso de August Comte é typico. ~~No seu~~ [↑Num] estudo sobre Anthero de Qental, o sr. Antonio Sergio insere outra pergunta oportuna:

A ignorancia e a incompetencia dos nossos criticos, a incultura e a estupidez do nosso publico, a indisciplina mental e o charlatanismo scientifico dos nossos pretensos homens de sciencia – ~~contra~~ n'este meio caiu 'Orpheu'. (BNP/ E3-14²-47).



7 Livro presente na Biblioteca de Fernando Pessoa: JOHNSON, 1890.

Fernando Pessoa escreveu este texto no verso de uma folha de papel datada de 9 de Março de 1914, o que nos faz acreditar que o texto foi escrito após essa data. Esse fato é relevante porque a grande parte dos textos sobre psiquiatria foi redigido antes de 1914. A maioria destes textos encontra-se em língua inglesa.⁸

Outro importante ponto a ser ressaltado: a relação entre Pessoa e a psiquiatria lombrosiana. Durante as primeiras leituras realizadas sobre Lombroso o Poeta português vai fazer diversas anotações e desenhos, utilizando o conhecimento lombrosiano para atacar a figura de João Franco. Em um segundo momento, Pessoa percebe, em suas leituras, que Lombroso estabelece uma relação entre o homem de génio e o epilético. A partir de então Pessoa vai tecer uma série de críticas ao pensamento de Cesare Lombroso. A principal crítica de Pessoa incidiu sobre o seguinte ponto: segundo Lombroso entre a epilepsia e a criminalidade existe um laço estreito, portanto, se a criação artística estiver também próxima da epilepsia, um bom raciocínio sobre a questão aproximará o criminoso do artista. Essa dedução deixa Pessoa tão irritado que Lombroso ganha o título de charlatão. Sabe-se que, nessa época, o autor português estava preocupado com sua sanidade mental. A visita ao médico Egas Moniz, em 1907, comprova esse fato. Toda essa crítica ácida aos psiquiatras, e em especial a Lombroso, pode se relacionar com a íntima preocupação que tinha com a loucura. Apesar dessa possível relação com a biografia do autor, acreditamos que essas críticas são realizadas não somente por um homem que teme a loucura, mas por um artista que defende a necessidade de separar duas áreas: psiquiatria e arte. Ou seja, como escreve Pessoa no testemunho citado: “Um louco pode produzir obra disciplinada e coerente.” Esse aspecto é muito importante por mostrar a relação que Fernando Pessoa estabelece com a obra de arte: o autor não é o aspecto fundamental, nem estrutural, o autor pode ser louco e a obra coerente. Talvez neste ponto possamos explicar o fator da despersonalização pessoana. Talvez por isso existam em seu espólio tantos textos em busca de um autor e tantos projetos que são assinados pelas mais diversas personalidades, onde inclusive o ortónimo participa como mais uma máscara. Desde muito cedo o relevante para Pessoa é a obra e não o autor.

A referência às obras de Nisbet e de Lombroso aparece em documento do espólio onde Pessoa enfatiza novamente a relação entre a psiquiatria e literatura:

⁸ É importante deixar claro que Fernando Pessoa escreverá durante toda a sua vida em inglês e em português, além do francês. Mas, na primeira parte da sua vida grande parte dos seus textos e poemas foi escrita em língua inglesa.

É quase impossível a um psychiatra não ser um charlatão. As infelizes condições da sua sciencia a tal obrigam.

O que nos interessa é as relações entre a psychiatria e a literatura. Em geral, ellas teem sido infelizes. Teem sido de duas especies. A primeira é a these psychiátrica da loucura, ou da nevrose, do genio. N'esta orientação, o livro melhor é o de Nisbet, e o mais celebre o de Lombroso. Assim tinha de ser. Em todos os tempos os charlatões obtiveram mais de prompto a attenção e o interesse das turbas. Seus methodos – de espalhafato e arrojio theorico – lhes garantem a tristeza de tal celebridade.

Farta-me a esquiça, historiando a génese da theoria a que me refiro. Ella está em qualquer trabalho do genero, em introdução. Como intuição, a hypothese de que genio e anormalidade mental são parentes ou visinhos, é de maior antiguidade que a sciencia; mas do genio, disse □ Na forma chamada scientifica data, clarividemente, de uma phrase de Moreau (de Tours). 'O genio', disse este, 'é uma nevrose.' Sobre tal □, assim lançada se ergue a superestructura da investigação moderna sobre o assumpto. Disse já que o melhor livro é o de Nisbet, e que o mais celebre é o de Lombroso. Não ha mister dizer mais. Nem é preciso mais, ou tanto, ao progresso de uma /analyse/. Iremos directo/s/ aos fatos. Renovaremos a analyse d'elles á luz do nosso raciocinio. Lograremos, quiçá, melhor comprehensão d'elles que a luz fria dos psychiatras. (BNP/E3-14³-10v)

Pessoa, neste texto, estreita a relação entre charlatanismo e psiquiatria. Critica a relação até então estabelecida entre literatura e psiquiatria. Como já foi dito, é nesse ponto específico que se encontra a resistência pessoana em relação à psiquiatria: na análise da obra de arte passando pela questão do homem de génio, considerado mentalmente anormal. Pessoa refletiu sobre a criação artística e para ele as esferas da psiquiatria e da estética não se tocam, não se comunicam. Para ele a luz do conhecimento psiquiátrico não pode, nem deve, incidir sobre a obra de arte. No que diz respeito à política, a postura de Pessoa é oposta. Como já foi demonstrado e explicado, o nosso autor acha lícito transferir as reflexões psiquiátricas para a esfera política.

Em outro testemunho, posterior a 1912, encontramos novamente uma crítica a Lombroso e aos psiquiatras que tendem a analisar a obra de arte a partir do autor:

A superstição científica.

O psychiatra tende a crer que é psicologo.

O psychiatra vê nas phases extranhas dos poetas uma semelhança com a dos doidos. *Mas isso é porque elle não lida senão com doidos.* É um ignorante. Sabe só de um assumpto.

Por isso não vê as cousas senão em relação a esse assumpto.

O caso de Lombroso é típico. Este infeliz □

O charlatão italiano (acabou espirita por causa da ‘justiça immanente’) □

[82^r] O immenso talento de dr. Julio de Mattos parece-se com aquelle immenso talento do individuo que o leitor já conhece.

O snr Egas Moniz pertence á geração que apanha na sua mocidade o periodo entre a revolta do Porto □

Tenho a impressão de que todos elles são do partido de Hintze Ribeiro.

O jovem entrevistado é □

garante-nos isto – quem?

O repórter que o entrevista...

Mas então os reporters aqui garantem a intelligencia dos psyquiатras?

[83^r] O que mais me indigna não é que estes parvos da sciencia tenham estas opiniões. É que elles gosem, no nosso meio de idiotas, do prestigio sufficiente para que a essas opiniões se ligue importância. Em outro paiz qualquer, um pretenso homem de sciencia que produzisse aquelle □ do *Caso Guisado* perdia a clientela. Que especie de idiota é este!

Se nós fizéssemos um estudo psychiatrico dos *psychiatras*? Valia talvez a pena.

A indisciplina intellectual...

Além d’isso os *psychiatras* ainda são portugueses e reles. Trazem os vincos que lhes deixaram os meios políticos e sociais onde viveram. O Dr. Egas Moniz é o Conselheiro Accacio da neurologia nacional. Nunca tem uma opinião propria. Nunca esculpiu relevo em uma única phrase. Seguiu sempre.

[84^r] Os nossos *psychiatras* estudaram *psychiatria*. Estão portanto competentes para dar um opinião sobre assumptos *psychiatricos*. Se tivessem estudado *biologia*, estariam competentes para darem opinião sobre assumptos *biologicos*. Para dar uma opinião sobre *literatura*, parece, pois, que era mister que tivessem estudado – não *psychiatria*, que só habilita a opinar sobre *psychiatria* – mas *literatura*.

Estudaram elles *literatura*?

Veja-se esta phrase do neurologista anonymo que produziu aquelle primor do *Caso Guisado*: ‘nada de pontuação.’ Esta besta desconhece Mallarmé.

‘Esta besta?’ Porque ‘esta besta’?

Bom, desconhecer Mallarmé equivale, hoje, a uma grave falta de cultura literaria. Não levo a mal a um *psychiatra* que desconheça Mallarmé. Mallarmé não é um tratadista do género. Mas levo-lhe a mal que falle sobre *literatura*, sem cultura literaria nenhuma.

[85^r] Se o estudo mental tem impostores, como é

permitido o sr. Julio de Mattos, se o medico da penitenciaria foi por duas vezes que esteve, louco em abstracto, atado num hospício de alienado?

É a mania de exaltação, o delirio da insidia?...E porque não ha de ser tudo isso misoneismo da parte dos psychiatras? Se vamos a isso, porque não ha de ser assim?... (BNP/E3-15B³-81 a 85^v).⁹

O texto presente neste fragmento dialoga com o anterior. Para além de aparecer novamente o ataque explícito ao pensamento de Lombroso, há também a crítica pessoal sobre a posição do psiquiatra em relação à arte. Para o poeta português o psiquiatra não tem o direito de opinar sobre a criação artística, o psiquiatra não é capacitado para dizer algo sobre a arte. A primeira frase deste texto também é muito interessante – “O psiquiatra tende a crer que é psicólogo” – pois se em muitos escritos pessoais estas duas ciências se misturam (psiquiatria e psicologia), aos poucos Pessoa parece estabelecer uma distinção entre elas. No fragmento [BNP/ E3-14²-47], Lombroso e Nordau são considerados charlatões. Na biblioteca pessoal de Fernando Pessoa constam cinco livros de Max Nordau: **Paradoxes sociologiques, Vus du dehors, Psycho-physiologie du génie et du talent, Paradoxes psychologiques, On art and artists**. Para além destes livros, sabe-se que Pessoa leu também o livro **Dégénérescence** de Nordau, segundo o investigador Nuno Ribeiro, pois este livro aparece em quatro listas pessoais e em testemunhos de anotações de leitura do mesmo (RIBEIRO, 2011, p.84)¹⁰. No documento anterior há também referência ao pensamento desenvolvido por John Ferguson Nisbet em seu livro **The insanity of genius and the general inequality of human faculty, physiologically considered**, exemplar presente na biblioteca pessoal do Poeta português. Nisbet, ao contrário de muitos psiquiatras culpados de charlatanismo, teria, segundo Pessoa, um raciocínio sobre a literatura ilibado da “superstição científica e da indisciplina intelectual.” Júlio Dantas, médico, político e escritor português contemporâneo de Pessoa, também é referido neste mesmo documento com menosprezo, sua obra seria tão insignificante que nem chegaria a constituir charlatanismo¹¹.

9 Esse texto é uma resposta ao Dr. Júlio de Matos que se manifestou na polémica que os artigos de Pessoa, na revista **Águia**, desencadearam a partir de 1921, chamando doidos aos novos poetas.

10 Ainda segundo Nuno Ribeiro, foi a partir de **Dégénérescence** que Pessoa teceu grande parte de suas reflexões sobre a escrita e o pensamento de Nietzsche.

11 Em 1915, Almada Negreiros, “poeta D’ORPHEU”, distribuiu por Lisboa o “Manifesto Anti-Dantas”, um texto ácido sobre o pensamento de Júlio Dantas.

Nestes três últimos documentos transcritos fica evidenciado o seguinte: se, num primeiro momento, a leitura sobre a psiquiatria encanta Pessoa e ele canaliza seu conhecimento para a sua criação artística, como foi referido na elaboração de projetos sobretudo de caráter político, em um segundo momento Pessoa faz muitas críticas às teorias psiquiátricas, principalmente a Lombroso e Nordau, pois parece perceber que assim como utiliza as noções de degenerado e criminoso para analisar, por exemplo, Franco, os psiquiatras fazem também a análise de muitos artistas a partir de uma certa lente psiquiátrica onde o homem de gênio se aproxima do degenerado. Para Pessoa era preciso separar os campos da psiquiatria e da estética. Para ele, os laços entre análise estética e análise crítica de uma obra de arte não poderiam ser demasiado estreitos. O psiquiatra teria o direito de analisar o homem, nunca sua obra. Trata-se de um aspecto paradoxal no pensamento pessoano, pois Pessoa utiliza o conhecimento psiquiátrico adquirido através de suas leituras para criticar o homem e o político que foi João Franco. Se o autor português preocupa-se em validar as análises psiquiátricas que se direcionam para o campo artístico, ele, em sua escrita, não procede da mesma maneira, minimizando os limites entre análise psiquiátrica e análise política, como foi colocado anteriormente.¹²

Todos os documentos apresentados neste artigo mostram a faceta do Pessoa crítico, tanto dos métodos psiquiátricos para analisar as obras artísticas – no caso, literárias –, como para analisar a obra de outros escritores. Os testemunhos aqui analisados revelam toda a mobilidade dos escritos pessoanos, toda a fluidez da sua literatura que migra para as mais vastas áreas do saber e a sua íntima relação com a psiquiatria lombrosiana no início do século XX.

Abstract

This article analyzes Fernando Pessoa's readings about psychiatry, especially Cesare Lombroso's books, and how he uses these readings in his literary creation. Pessoa had a special interest in applying psychiatry, mainly his two heteronyms Charles Robert Anon and Alexander Search. This can be seen in Pessoa's notes exploring the relationships between literature and psychiatry.

Keywords: Literature. Psychiatry. Fernando Pessoa. Lombroso.

12 Outro aspecto relevante é a reincidência das palavras charlatão e charlatanismo, isto porque existe no espólio um projeto designado O Elogio do Charlatão, mostrando que essa questão do charlatismo não ficou circunscrita nas críticas pessoanas sobre os psiquiatras.

Referências

- BORGES, Paulo. **O teatro da vacuidade ou a impossibilidade de ser eu**. Lisboa: Editora Verbo, 2011.
- JOHNSON, Samuel. **Johnson's lives of the poets**. Ed. lit. Alexander Napier. Introdução J. W. Hales. First ed. London: Georg Bell and Sons, 1900.3 v.
- LOPES, Teresa Rita (Coord.). **Pessoa inédito**. Lisboa: Livros Horizontes, 1993.
- LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por conhecer**. Roteiro para uma Expedição. Volume I e II. Lisboa: Editora Estampa, 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. **O canto do signo**. Existência e literatura. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Psicanálise mítica no destino português. 4 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- LOURENÇO, Eduardo. **O lugar do anjo**. Ensaios pessoais. Lisboa: Gradi-va, 1994.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa aquém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PESSOA, Fernando. **Espólio**. Biblioteca Nacional de Portugal.
- PESSOA, Fernando. (Álvaro de Campos). **Notas para a recordação do meu Mestre Caetano**. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- PESSOA, Fernando. **A educação do estóico**. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- PESSOA, Fernando. **A educação do estoico**. Volume IX. Edição de J. Pizarro Jaramillo. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007.
- PESSOA, Fernando. **A língua portuguesa**. Edição de Luísa Medeiros. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.
- PESSOA, Fernando. **Cadernos**. Tomo I. Edição de J. Pizarro Jaramillo. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2009.
- PESSOA, Fernando. **Cartas de amor a Ophélia Queiroz**. Organização, pós-fácio e notas David Mourão-Ferreira. Lisboa: Ática, 2009.

PESSOA, Fernando. **Crítica**. Ensaios, Artigos, Entrevistas. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

PESSOA, Fernando. **Correspondência** (1912-1923). Organização Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. **Correspondência** (1923-1935). Organização Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando, **Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal**. Edição Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

PESSOA, Fernando. **Ficções do interlúdio** - 1914-1935. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

PESSOA, Fernando. **Escritos sobre génio e loucura**. Edição de J. Pizarro Jaramillo. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego por Bernardo Soares**. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Editora Ática, 1982.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego por Vicente Guedes e Bernardo Soares**. Volume I e II. Organização e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

PESSOA, Fernando. **O marinheiro**. Edição, notas e prefácio de Cláudia Souza. Lisboa: Ática, 2010.

RIBEIRO, Nuno. **Fernando Pessoa e Nietzsche: o pensamento da pluralidade**. Lisboa: Editora Verbo, 2011.

SOUZA, Cláudia. Inconsciente e arte: um ponto de encontro entre Fernando Pessoa e Freud. In: **A cultura portuguesa no divã**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. pp.113-123.

SOUZA, Cláudia. Vicente Guedes e Bernardo Soares: para além do desasossegado. In: **Cultura ENTRE Culturas**, nº3, Lisboa: Âncora Editora, 2010. pp. 186-191.

